

MOTIVAÇÕES CONTEMPORÂNEAS PARA A ESCOLHA DO ANTROPÔNIMO

CONTEMPORARY MOTIVES FOR ANTROPONYM CHOICE

Márcia Sipavicius Seide*

Resumo: Neste artigo, são investigadas as motivações hoje atuantes na escolha dos nomes próprios de pessoa, os quais são objeto de estudo da Antroponomástica. Em primeiro lugar, distinguem-se significado etimológico e motivações. Com base nesta distinção, apresenta-se uma versão mais acurada das motivações propostas por Guérios (1981) para a escolha do nome de pessoa, com a qual é analisado um corpus constituído por relatos de graduandos do curso de Letras da Unioeste coletados em 2012. Os resultados obtidos são comparados aos de outras pesquisas realizadas no Brasil (FREITAS 2007; MEGALE, 2012; LIRA, HOSOKAWA, 2012; e OLIVEIRA, 2012), na Suécia (ALDRIN, 2008) e no México (FRANCO, 2010). As comparações feitas apontam para a existência de três motivações não previstas por Guérios: anúncios de nascimento e internet, na Suécia, e nomes comerciais no Brasil.

Palavras-chaves: Onomástica; antroponomástica; motivação

Abstract: In this paper up to date motives for antroponym choice are investigated. Ethimological meaning and motives are differentiated, on the basis of such difference, it is presented a more accurate version of Guério's motives for choosing a person name. Using this new version a corpus of graduates reports colleted from students of Language Graduation at 2012 is analised. These results are compared to others researches from Brazil (FREITAS 2007; MEGALE, 2012; LIRA, HOSOKAWA, 2012; and OLIVEIRA, 2012); Sweden (ALDRIN, 2008) and Mexic (FRANCO, 2010). Comparison shows three motives not previewed by Guérios: newspaper birth annoucement and internet, in Sweden and comercial's names in Brasil.

Keywords: Onomastics; Antroponomastics; motives.

Na introdução a seu dicionário de nomes e sobrenomes, Guérios descreve, para a Antroponomástica, dois objetivos distintos: a) estudo da origem ou criação do nome, abordagem etimológica e linguística, e b) estudo social ou psicossocial, estudo da causa ou causas por que determinado nome foi dado pela primeira vez, aspecto que, reconhece, “não é exclusivamente etimológico” (GUÉRIOS, 1981, p.16). Históricas ambas, a primeira parece bastante ambiciosa haja vista, de um lado, o esvaziamento semântico a que são passíveis os

* Docente do Programa de Mestrado e Doutorado em Letras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná e do Colegiado de Letras, da mesma universidade, campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail para contato: marciaseda4@hotmail.com

nomes próprios e, de outro, a impossibilidade de descobrir quem, como e quando um antropônimo foi utilizado pela primeira vez quer se trate de nomes tradicionais numa sociedade, quer se trate de neologismos, caso se tenha acesso, apenas, a documentos escritos.

Utilizando esta dupla abordagem, Guérios expõe um elenco de causas para a escolha dos nomes. Chama a atenção o fato de algumas estarem baseadas no significado etimológico dos nomes e outras referirem-se a nomes contemporâneos, levando em conta a possível motivação do denominador. À guisa de ilustração, podem ser citadas duas categorias: a do antropônimos criados pelas circunstâncias do nascimento – nomes como *Benôni* que, em hebraico, significa “filho da minha dor” (Guérios, 1981, p.21) e motivos de família ou amizade – “uma pessoa é chamada Paulo em vista de a madrinha ser Paulina” (Guérios, 1981, p.28). Com relação à primeira categoria, a maioria dos exemplos provém das línguas clássicas – Grego, Latim ou Hebraico – havendo alguns exemplos tupis. A este respeito, não se pode desconsiderar que:

Se hoje as sociedades ocidentais apresentam esse fenômeno do esvaziamento semântico nos nomes próprios de pessoas, nestas mesmas sociedades durante a Antiguidade os nomes não eram atribuídos por tradição ou gosto, mas efetivamente havia um motivo ou uma motivação ao fazê-lo, fosse por atributos físicos ou morais que se quisesse imprimir no indivíduo nomeado, fosse por devoção ou pela crença que um nome sagrado ou ligado ao sagrado traria sorte ao portador do mesmo. (CARVALHINHOS, 2007, p.3.)

Ainda que se saiba serem os nomes próprios de pessoa motivados, nas civilizações gregas e romanas antigas, não há como afirmar que em todas as vezes em que um determinado nome foi escolhido para designar um recém-nato, a escolha foi feita com base no significado etimológico. Assim afirmar que o significado de um antropônimo é aquele sugerido pela etimologia é acreditar que, nas línguas clássicas, o significado etimológico dos antropônimos era sabido por todos, algo de difícil comprovação. Se bem não haja dados ou evidências contra ou a favor desta tese, supô-la verdadeira equivaleria a assumir que, nestas sociedades, os nomes próprios fossem imunes às conhecidas mudanças de significado a que estão sujeitos os demais nomes. Conforme já evidenciava Bréal, um nome

uma vez aceito, esvazia-se rapidamente de sua significação etimológica. De outro modo, isso poderia tornar-se um embaraço e uma tortura. Uma quantidade de objetos é inexatamente denominada, seja por ignorância dos primeiros criadores, seja por alguma mudança que perturbou a conveniência entre os signos e a coisa significada. Entretanto, as palavras têm o mesmo uso como se fossem de uma perfeita exatidão... Quando mais uma palavra se distancia de suas origens, mais está a serviço do pensamento: segundo as experiências que fazemos, ela se restringe ou estende, se especifica ou se generaliza. (BRÉAL, 1992 [1904], p.123).

Assim, considerar que, numa sociedade, a motivação para a escolha do nome próprio equivale a seu significado etimológico é supor que tais signos situam-se num lugar à parte do léxico, estando os nomes comuns de um lado e os antropônimos de outro. Houve, no passado, calorosas discussões a este respeito.

Na época de Bréal, argumentava-se que os nomes próprios eram distintos por, via de regra, não serem traduzidos de um idioma a outro e por estes itens lexicais não sofrerem, na mesma velocidade e intensidade, as mudanças fonéticas observadas nos demais nomes. Bréal contra argumentou mostrando que a diferença existente entre um e outro é de grau e não de natureza: outros nomes comuns também são mais resistentes às mudanças fonéticas (como exemplo cita os nomes de dignidades, funções, usos, invenções, etc, itens que seriam hoje em dia considerados termos e não vocábulos). A diferença entre eles reside, portanto, apenas em os nomes próprios serem mais significativos, já que são de aplicação mais restrita, o que pode ser comprovado quando se observa que, quando um nome próprio se torna nome comum, há uma perda de significado. (BRÉAL, 1992 [1904], p.125-126). Com relação ao significado etimológico, afirma que “Se o sentido etimológico não conta para nada, acabamos de ver que não é muito diferente quanto aos substantivos comuns, nos quais o progresso consiste precisamente em se eximir de seu ponto de partida” (BRÉAL, 1992 [1904], p.125-126).

Desconsiderando, da proposta de Guérios, motivações baseadas no significado etimológico do nome e retendo aquelas que dizem respeito ao uso por parte do designador, chega-se ao seguinte elenco de motivações: a) religiosos ; b) políticos; c) família ou amizade; d) diversos: “estética sônica ou gráfica”; homenagem a personagem ilustre ou histórico; nomes que rimam; artes (romances e filmes).

Cumprir informar que outras categorias criadas pelo estudioso classificam os nomes, mas não descrevem uma motivação propriamente dita, são elas: excêntricos; “arbitrários” ou “modernos”, sendo o critério utilizado constar ou não na *Genealogia Paranaense* de Francisco Negrão; derivados, com variação gráfica em decorrência de má pronúncia ou falhas de quem fez o registro.

Os exemplos de Guérios para as motivações baseadas pelo uso datam de meados do século passado. Com o objetivo de verificar quais delas são utilizadas contemporaneamente e se há outras hoje atuantes, mas não observadas pelo estudioso, foi feita uma pesquisa baseada em *corpus* formado por relatos de acadêmicos do curso de Letras da Unioeste, Campus de Marechal Cândido Rondon. Os resultados obtidos foram comparados com aqueles conseguidos por outros pesquisadores, em outros locais e mediante metodologias distintas,

contudo comparáveis, de coleta e análise de dados, mediante consulta a publicações onde são relatadas investigações semelhantes desenvolvidas no Brasil (FREITAS 2007; MEGALE, 2012; LIRA, HOSOKAWA, 2012; e OLIVEIRA, 2012) e no exterior (ALDRIN, 2008 e FRANCO, 2010), possibilitando o aprofundamento da investigação sobre quais são as motivações hoje em dia atuantes na escolha do nome próprio de pessoa.

Em julho de 2012, na disciplina de Semântica, graduandos do curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná tiveram uma breve introdução sobre a Onomástica e seu objeto de estudo e leram textos e artigos na área. Foi-lhes, então, solicitado que escrevessem, a partir de sua experiência pessoal e, se fosse o caso, após consulta aos pais, um breve texto contando a história de seu próprio nome. Os textos mais informativos (23 de um total de 24) formaram o *corpus* para análise inicial das motivações que, hoje em dia, levam à escolha do nome.

Ainda com relação ao *corpus*, é necessário saber que, apesar de oriundos de uma mesma turma, os sujeitos são provenientes de municípios diferentes e são de faixa etária diversa já que nasceram entre 1974 e 1995. Os dados por eles fornecidos, se bem que limitados, servem para ilustrar as motivações mais comuns hoje em dia para a escolha dos nomes no oeste do Paraná.

Para a análise dos dados, partiu-se dos motivos descritos por Guérios, com algumas alterações, conforme segue: 1) religiosa; 2) homenagem à família. 3) homenagem a amigos, padrinhos e outras pessoas conhecidas do designador; 4) homenagem a políticos; 5) sonoridade; 6) grafia; 7) nomes que rimam com outros já dados na família; 8) influência midiática (livros populares, filmes, telenovelas, revistas, músicas e cantores) e 9) outros, para motivações não relatadas pelo linguista paranaense. Cumpre informar que, nos casos de nomes compostos, quando houve motivações distintas para escolha de cada um ou motivação para apenas um deles, elas foram contadas separadamente, procedimento metodológico também adotado nos casos em que havia mais de uma motivação para a escolha de um mesmo nome. Os resultados obtidos por meio desta abordagem são visualizados a seguir.

TABELA 01 – Classificação das motivações citadas pelos graduandos

motivação	no.de cit.
mídia	9
hom. à família	8
Rima	4
religiosa	3

hom. a outros	2
hom. a políticos	zero
sonoridade	3
Grafia	2
outros	12
Total	43

Fonte: elaboração própria

TABELA 02 – Motivações citadas não previstas por Guérios

motivação	no.de cit.
causalidade	5
univocidade	3
marcas / nomes de empresas	2
crenças indiv.	2
Total	12

Fonte: elaboração própria

Analisando-se os dados apresentados, chama a atenção, de um lado, a ausência de escolhas motivadas por causas políticas e a presença de motivação religiosa e, de outro, uma quantidade significativa de nomes motivados pela mídia. Este resultado está em consonância com as mudanças ocorridas no Brasil desde meados do século passado com a popularização dos aparelhos televisivos e o incremento de estações radiofônicas que tiveram, por consequência, a criação dos hábitos de ouvir rádios e assistir TV, o último ainda não usual no cotidiano das pessoas residentes no interior do Brasil na época em que Guérios realizou sua pesquisa. É preciso esclarecer, contudo, que se consideram como sendo de influência midiática, também, as escolhas que se nortearam por outros meio de comunicação em massa, como as revistas de grande circulação e os *best-sellers*, com inclusão de o que se chama “literatura popular” ou “sub-literatura” cuja influência foi observada na escolha do nome *Kelly* pela mãe que conheceu e gostou do nome de uma personagem de um romance da série *Sabrina*.

Um caso que ilustra bem a influência do hábito de assistir televisão é o da escolha do nome *Daiana* para uma aluna da graduação nascida em 1992. Conta a graduanda que seu nome foi escolhido pela avó materna que se inspirou no nome *Diana* (esposa do príncipe Charles da Inglaterra) que, na época da escolha, estava visitando o Brasil. O hábito de ouvir rádio também influenciou escolhas. Conta *Valdinei José* que seu primeiro nome foi escolhido

por uma irmã mais velha a qual achou o nome bonito ao tê-lo ouvido no rádio. Outro exemplo pode ser encontrado no nome *Aline* escolhido por ser nome de uma música que fazia muito sucesso (isto é, tocava muitas vezes no rádio) quando nasceu a moça.

Em ambos os casos, percebe-se a influência da casualidade, isto é, algo que ocorria concomitantemente à época em que a família pensava que nome escolheria para o seu novo membro. Analisando-se a influência deste fator na totalidade do *corpus*, percebe-se que se bem não seja o único, não se pode desprezá-lo, uma vez que foi citado cinco vezes.

Em uma destas citações, conta a aluna que a mãe foi a uma loja de roupas e viu um macacão da marca “Confecções Andressa”, gostou da roupa e do nome: comprou a peça e nomeou a filha com o nome da marca. Caso semelhante ocorreu na escolha do nome *Michele*, escolhido por a mãe o ter visto como nome de uma lanchonete.

Importa ressaltar que se trata de uma motivação não verificada por Guérios que aponta, antropológicamente, para a influência do comércio na escolha dos nomes em coerência com o sistema capitalista vigente. Também é necessário observar que os casos citados exemplificam mudanças no significado categorial dos nomes próprios: os antropônimos *Andressa* e *Michel* mudaram para a categoria de nomes de marca ou empresas, para, em seguida, retornarem à categoria de nomes de pessoas. Trata-se de um fenômeno cuja existência é uma evidência a favor da tese de que é impossível conceber um nome próprio ou utilizá-lo caso não se sabia a que categoria ele pertence, isto é, se o nome próprio é nome de pessoa, de rio, de cachorro, etc (LANGENDONCK 2007, p.72).

Outras motivações não previstas por Guérios estão relacionadas à busca de univocidade e a crenças do sujeito designador. A busca pela univocidade influencia tanto a escolha quando a rejeição de antropônimos pelo sujeito designador. No caso da escolha do nome *Andressa*, a mãe, professora, o escolheu também por ele não ser o nome de nenhuma de suas alunas. A escolha do nome *Daiana*, por sua vez, foi feito em detrimento de outro, que a mãe já havia escolhido, mas que fora descartado por estar banalizado na cidade onde nasceu a portadora do nome. Outro nome, *Vanessa*, foi escolhido por não haver, nas famílias, ninguém que assim se chamasse.

A uma categoria à parte pertence a escolha de um nome em decorrência de crenças peculiares ao designador. O nome *Kelly*, conta sua portadora, foi escolhido por seu pai, entre outros motivos, por sua crença na Numerologia a qual aconselhava que o nome tivesse cinco letras para fazer combinação com o sobrenome.

Um fenômeno diferente, porém igualmente influenciado por idiosincrasias do designador foi observado na história da escolha do nome *Geovanni* pelo pai para homenagear componente da dupla *Jean e Giovanni* (influência midiática). Contudo, para não deixar explícita sua homenagem aos cantores decidiu mudar a grafia do nome do filho.

Verificadas as motivações hoje atuantes para escolha de nomes na região oeste do Paraná, buscaram-se pesquisas comparáveis levadas a cabo no Brasil e no exterior para investigar quais delas são atuantes fora do âmbito regional em que esta pesquisa de campo está inserida.

No Brasil, Oliveira (2012) entrevistou pais de filhos nascidos entre 2008 e 2010, ao todo 76 pessoas, residentes na capital do estado do Rio de Janeiro. Em seu artigo, há a reprodução de um relato que sintetiza doze delas. Analisando-se as motivações citadas no relato conforme a taxilogia proposta com base em Guérios e comparando-as com as verificadas no *corpus* do oeste paranaense, surgiram os resultados abaixo descritos e comentados.

Em ambos os *corpora*, nenhum nome foi escolhido por motivação política e a motivação religiosa foi citada apenas uma vez, indicando uma convergência de resultados que sugere a existência de mudanças na sociedade brasileira, cada vez mais laica e alheia à política. Outras motivações citadas incluem mídia, grafia, rima e significado etimológico, citada duas vezes totalizando 16% do *corpus*. Com exceção da última motivação, ausente no *corpus* do Oeste paranaense, o fato de as demais serem citadas em ambas evidenciam que são elas realmente atuantes no Brasil a partir, pelo menos, da década de 70 do século passado.

Apesar das diferenças entre as pesquisas, alguns dos relatos publicados por Oliveira mostram uma possível interrelação entre as motivações relativas a rima, grafia e sonoridade. É o que se depreende, por exemplo, no relato a seguir:

Wendell (2 anos) O prenome Wendell foi escolhido pelo pai para que iniciasse com a mesma letra do seu próprio nome, Washington. Os irmãos do pai de Wendell se chamam Cleisley, 19 anos, Cleide, 38 anos, Cleison, 29 anos, e Cleice, 21 anos, que tem um filho chamado Wicley (OLIVEIRA, 2012, p.2329).

Não obstante casos como o transcrito apontar para a interrelação rima, grafia e sonoridade, estes fatores podem existir separadamente, quando, por exemplo, o designador deseja que determinado nome seja grafado com letras pouco usuais na língua portuguesa, desejo que, em ambos os *corpora* deu ensejo a variações ortográficas. No *corpus* paranaense, *Chrystine* conta que seu irmão mais velho – nascido em 1973 – fez o registro solicitando a

inserção de “h” e “y” e a mãe de *Karolayne* “lembra (...) de ter pedido ao marido para incluir as letras k e y na grafia” (OLIVEIRA, 2012, p.2330).

Outra pesquisa, utilizando listas de chamadas de alunos do ensino médio de escolas públicas de Rio Branco, Acre relativas ao ano letivo de 2012, apresenta resultados semelhantes:

Nesta pesquisa encontramos vários nomes grafados com as consoantes W, K, Y, H, letras dobradas como LL, NN e grupos consonantais como: PH, TH, DH (Stephany, Thainy, Dhywan), isso nos mostra uma forte influência da cultura norte americana, além de uma verdadeira criatividade dos pais ou até mesmo dos escrivães de cartório. (LIRA; HOSOKAWA, 2012, p.47)

É importante informar que Guérios já citava exemplos de escolha graficamente motivada nas quais predominavam as letras “y”, “w”, “h” e “k” muitos dos quais já faziam parte da obra *Genealogia Parananense de Francisco Negrão* que cobre o período de 1926 a 1929 (GUÉRIOS, 1981, p.29). Apesar da antiguidade do fenômeno, não se pode descartar a hipótese de que esta motivação esteja se tornando mais frequente hoje em dia em decorrência da influência da língua e da cultura norteamericana entre nós, hipótese defendida, entre outros, por Megale.

Esta pesquisadora investigou conversas registradas num fórum de discussão de um *website* voltado à escolha de nomes para os filhos e verificou a existência de “nomes que não são, mas parecem derivar do inglês por conta da ortografia adotada. Nota-se, nesse *website*, uma incidência muito alta de nomes nos quais a grafia apresenta traços da língua inglesa, como por exemplo, autilização de *y*, *w* e letras duplas com *ff*, *nn* ou *tt*” (MEGALE, 2012, p.21)

Enquanto o *corpus* de Oliveira se diferencia pela presença de motivação etimológica, o *corpus* do Oeste paranaense se destaca por apresentar nomes inspirados em nomes de estabelecimentos comerciais ou marcas industriais, atestando a influência do sistema econômico vigente. Esta mesma motivação foi verificada na pesquisa desenvolvida por Freitas (2007) nos municípios de Duque de Caxias, Magé, Belford Roxo, Nilópolis, Nova Iguaçu e São João de Meriti, mediante entrevista oral a alunos:

Anderson Mendes, 23 anos, relatou que sua mãe sempre comprava a margarina *claybon* para a alimentação da família. O seu pai achava imponente, elegante e bonita a marca graficamente representada do fabricante da margarina que usava em casa (Indústrias Alimentícias Anderson & Clayton) e, assim, registrou o seu filho com parte do nome do fabricante do produto que utilizava. (FREITAS, 2007, p.148)

A comparação entre as pesquisas realizadas no Brasil permite concluir que a influência de marcas e nomes de estabelecimentos é uma motivação nova que, provavelmente, começou

a ser registrada há trinta ou quarenta anos. Outras tendências corroboradas são a escolha de antropônimos por motivos religiosos, ausência de escolha por motivos políticos, preferência por nomes que homenageiam a família e aumento de escolha entre variantes ortográficas por motivos estéticos e/ou desejo de aproximação à cultura norte-americana.

Com o objetivo de investigar se estas tendências transcendem o âmbito nacional, os resultados ora apresentados foram comparados com os oriundos de duas pesquisas independentes: uma realizada na Suécia (ALDRIN, 2008), através de entrevistas orais a pais e outra, realizada no México, com base em dados oriundos de certidões de nascimento (FRANCO, 2010).

A pesquisa de Aldrin é respaldada por 519 entrevistas feitas a pais de pessoas nascidas em maio e em julho de 2007, sendo 126 famílias multilíngues, com pai e/ou mãe não suéco, bilíngue ou poliglota e 493 famílias suecas monolíngues. Recalculando os dados apresentados para que abrangessem a totalidade dos sujeitos entrevistados, chega-se às motivações mais frequentes na época. A motivação mais atuante é a *internet*, seguida da homenagem às famílias, do “nome do calendário” e anúncio de nascimento publicado em jornais e mídia.

A comparação destes resultados com os obtidos pelo *corpus* de relatos do Oeste Paranaense mostra que enquanto as famílias paranaenses se inspiraram em nomes divulgados pela mídia, as suécas buscaram inspiração na *internet*. Apesar desta diferença, em ambas as pesquisas, a homenagem às famílias foi a segunda motivação mais frequente.

Com relação à motivação religiosa, em princípio, ela estaria presente na escolha do antropônimo segundo o calendário, uma vez que se trata do calendário litúrgico católico. Contudo, a pesquisadora informa que, hoje em dia, o hábito de segui-lo não apresenta necessariamente conotação religiosa (ALDRIN, 2008, p.91). Assim não se pode inferir que a motivação religiosa seja mais atuante na Suécia, onde o nome do calendário é a segunda fonte de inspiração mais utilizada, que no Oeste paranaense, onde a religiosidade ocupa o terceiro lugar.

Se bem a pesquisa documental não seja comparável à pesquisa de campo e os resultados obtidos por um e outra sejam díspares, inclusive por serem diferentes os objetos de pesquisa de cada investigação, a pesquisa de Franco traz evidências indiretas sobre a presença da motivação religiosa no México. Sua pesquisa abrange todo século passado, contudo, serão reportados os dados relativos ao período de 1970 a 2000 por ser este o período enfocado.

Desse período, foram analisadas 3.682 certidões de nascimento correspondente a 10% da população do município de Tlalnepantla de Baz em cada quinquênio. Para cada período, a

pesquisadora calculou quais eram os três ou quatro nomes masculinos e femininos mais frequentes. Entre os nomes masculinos observa-se que, em 1970, o terceiro nome mais frequente, *Miguel Ángel*, apresenta motivação supostamente religiosa; em 1975, não figura nenhum nome com esta motivação; em 1980, o nome *Jesús* figura em segundo lugar, outros nomes de motivação supostamente religiosa surgem novamente em 2000: *David* em segundo lugar, *Emmanuel* e *Ariel* em terceiro e *Jesús* e *José* em quarto (FRANCO, 2011, p.65). Entre os nomes femininos, em 1970, *María de Guadalupe* surge em segundo lugar, *Maria del Carmen* e *Rosa María* em terceiro; em 1975, *María de Guadalupe* figura em terceiro lugar; em 1980, o nome *Guadalupe* aparece em segundo lugar, em 1985 e, em 1990, este nome ocupa a terceira posição; em 1995, o nome volta a ocupar a segunda posição e, no ano 2000, aparece na quarta posição junto com *María Fernanda*.

Cumprir lembrar que, no México, como em toda a América Hispânica, tradicionalmente, os nomes eram dados aos nascidos segundo o calendário litúrgico ou as advocações marianas. Considerando ter conotação religiosa estes nomes e também os que são bíblicos e pressupondo ter sido eles escolhidos por serem religiosos, pode-se entrever a atuação da motivação religiosa no período. Percebe-se que, apesar de oscilante, a motivação religiosa não apresenta tendência de queda acentuada no município mexicano. Enquanto, no caso dos nomes masculinos, a queda verificada em 1975 não se repetiu posteriormente; entre os femininos, observou-se oscilação em 2000 quando nomes de motivação supostamente religiosa passaram a ocupar a quarta posição. A comparação destes resultados como o obtido nas pesquisas já citadas, mostra que a tendência à laicização existente na Suécia, não se observa no México se bem seja atuante no Brasil.

Com relação à variação ortográfica, este fenômeno também foi observado por Franco, que encontrou poucos nomes com variações ortográficas, ocorrências que ela explica serem devidas às características da ortografia espanhola (troca de *b* por *v* e alternância entre *s*, *z*, e *c*) ou à introdução de nomes em outros idiomas. No caso de nomes estrangeiros ou são ortograficamente adaptados à língua espanhola, ou recebem uma grafia que tenta preservar a pronúncia original ou, ainda, cria-se uma nova grafia por desconhecimento (FRANCO, 2010, p.228).

Enquanto em todo o *corpus* de Franco, a ocorrência de variação ortográfica não é significativa, não havendo conotações sociais ou culturais associadas a este fenômeno, na Suécia, a questão ortográfica, é plena de significado. A motivação estética para escolha entre variações ortográficas foi mencionada pelas famílias monolíngues suécas entrevistadas por

Aldrin que escolheram entre duas ou mais alternativas gráficas para um mesmo nome. Nas famílias multilíngues, em que um ou ambos pais não são suécos, a escolha se pauta por motivos práticos: escolhem a alternativa que facilita a pronúncia, seja para os falantes de suéco, seja para os familiares que não falam suéco; ou preferem aquela que é utilizada também em outros idiomas (ALDRIN, 2008, p.91-92).

No *corpus* paranaense, os motivos pelos quais o designador escolheu grafar dado nome com letras não existentes do alfabeto nacional ou combinações não previstas estão relacionados a motivações estéticas, isto é, à crença de que o nome ficaria mais bonito se fosse grafado de maneira diferente do convencional. Nas pesquisas de Lira e Hosokawa (2012) e na de Megale (2012) há a hipótese de que a escolha por grafias não convencionais está relacionada ao desejo de tornar o nome estrangeiro, numa tentativa de aproximação à cultura norte-americana.

Como, em todos os casos, os designadores consideraram mais bonita a grafia que foge do convencional, sendo esta, antes de mais nada, uma motivação estética, pode-se concluir que, no Brasil, a motivação ortográfica apresenta a mesma conotação existente nas famílias suecas monolíngues. Mesmo apresentando outra conotação para as famílias multilíngues, pode-se concluir que tanto na Suécia, quanto no Brasil, a grafia é uma motivação cada vez mais presente.

Considerando-se as pesquisas como um todo, é possível afirmar que o elenco de motivações proposto por Guérios dá conta da maior parte das motivações contemporâneas, com exceção da *internet*, inexistente à época, da busca de inspiração em anúncios de jornais e da inspiração em marcas industriais e nomes de estabelecimentos comerciais. Além destas motivações propriamente ditas, causalidade, busca por univocidade e idiossincrasias do designador também são fatores que influenciam a escolha antroponímica hoje em dia. Contudo, as motivações não são igualmente atuantes nem apresentam a mesma conotação em todos os lugares, haja vista as diferenças históricas, sociais e culturais das sociedades em tela.

Estes resultados apontam para a necessidade de mais pesquisas sobre as motivações que resultam na escolha antroponímica, principalmente sobre o fenômeno da variação ortográfica que, como se viu, podem apresentar diferentes conotações sociais segundo o contexto social em que se inserem. Também seria necessário investigar em que medida a *internet*, no Brasil, é fonte de inspiração para a escolha antroponímica.

Referências

ALDRIN, Emilia. The choice of firsts names as a social resource and act of identity among multilingual families in contemporary Sweden. *Proceedings of the 23 rd. International Congress of Onomastic Sciences*. York University, Toronto, Canada, p.86-92, agosto 17-22, 2008.

BRÉAL, Michel *Ensaio de Semântica*. São Paulo: Educ/Pontes, 1992 [1904].

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. *As origens dos nomes das pessoas*. Domínios de Linguagem, no.1, vol.1, , p.1-10, 1º.sem.2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11401/6686> > Acesso em 20/01/2013.

FRANCO, Yolanda Guillermina López. *Un siglo de nombres de pila en Tlalnepantla de Baz*. México, D.F.: Editorial Plaza y Valdes, 2010.

FREITAS, Antônio Elias Lima. Estrangeirismos de língua inglesa (o caso dos antropônimos). *SOLETRAS*, ano VII, n. 14, São Gonçalo: UFRJ, p.129-161, jul/dez. 2007.

GUÉRIOS, Mansur. *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*. São Paulo: Editora Ave Maria, 1981.

LANGENDONCK, Willy Van. *Theory and Typology of Proper Names*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.

LIRA, Michely de Souza; HOSOKAWA, Antonieta Buriti de Souza. *Revista Philologus*, Ano 18, Nº 54 – Suplemento: Anais da VII JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 47-57, 2012.

MEGALE, Antonieta Heyden. O impróprio do nome próprio na roliúde brasileira. *Escrita*. Revista do Curso de Letras da UNIABEU, Nilópolis, Goiás, v,3, no.3, p. 15-25, set-dez. 2012.

OLIVEIRA, Rosane Tesch de. Nomes próprios: formando palavras e ideias o neologismo na antroponímia. *Cadernos do CNLF*, Vol. XVI, Nº 04, t. 3, pág.2324- 2332, 2012.

Artigo recebido em julho de 2013.

Aceito em agosto de 2013.